



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	"Maktub": a ocultação do feminino em "Lavoura Arcaica"
Autor	MARIA PETRUCCI SPERB
Orientador	ANTONIO BARROS DE BRITO JUNIOR

MAKTUB: A OCULTAÇÃO DO FEMININO EM *LAVOURA ARCAICA*

Autora: Maria Petrucci Sperb

Orientador: Antonio Barros de Brito Junior

Instituição de ensino: IL-UFRGS

Nesta fase inicial do projeto de pesquisa, pretendo formular as premissas básicas para um estudo do funcionamento, invariavelmente intrínseco à esfera do discurso, da ocultação do feminino em *Lavoura Arcaica*, livro de estreia de Raduan Nassar, de 1975. Narrada em primeira pessoa por André, o filho pródigo, a história revela suas memórias, seus pensamentos e suas angústias em relação à violência opressora de uma família patriarcal. Tal rememoração ocorre a partir do reencontro do protagonista com seu irmão Pedro, o primogênito, cuja tarefa é justamente trazer a ovelha desgarrada de volta ao seio familiar. De ritmo confessional (no sentido religioso do termo), a prosa se insere no signo da poesia, constituindo-se a partir da existência performática (ZUMTHOR, *Introdução à poesia oral*, 1983) e, conseqüentemente, aproximando-se da dimensão do ritual; é essa linguagem lírica à primeira vista invejável do narrador que relata, numa constante mescla de expressões metafóricas rarefeitas a dados informativos triviais, a consumação do incesto entre ele e sua irmã Ana, que se fecha em seu silêncio e ocasiona a fuga de André. Aliás, uma vez que a estetização da violência é uma constante no livro – e atos agressivos, como, por exemplo, a prática da zoofilia e mesmo o abuso pederasta de André para com o caçula Lula, são suavizados e maquiados em poesia –, não é absurdo pensar uma chave interpretativa em que essa relação incestuosa é, em verdade, fruto de um estupro, dissimulado e encoberto pela palavra sedutora do narrador. A narrativa termina com o retorno do protagonista ao lar e, finalmente, com o desmoronamento da instituição familiar, provocado pela ressignificação do que costumava ser uma prática ritualística costumeira: a dança dionisíaca de Ana. Elementos ideológicos variados perpassam a trama, desde o bíblico-alegórico (seja pela semelhança do fluxo narrativo atemporal aos relatos do Velho Testamento, seja pela analogia entre Ana e Eva, ambas fontes do desejo, do pecado, da transgressão e da fome), passando pelo arcaico como retórica do patriarcado, através do culto à tradição e das referências constantes aos costumes árcades médio-orientais de uma herança secular, chegando até o psicanalítico, evidentemente ligado ao *eros* incestuoso, ao complexo edipiano, ao Nome-do-Pai, etc. O que interessa aqui, entretanto, é questionar a manutenção do apagamento da voz feminina, a restrição de sua expressão subjetiva para além da servidão ou da existência carnal, e o porquê de ele ser essencial para a preservação da lógica masculinista, patriarcal e heterossexual que se apresenta como matriz (BUTLER, *Problemas de Gênero*, 1990) na ambientação do romance. Vale ressaltar que o que motiva esta pesquisa é uma inquietação pessoal: a economia discursiva do luto após o que parece ser a morte de Ana – a falta de pranto e mesmo de explicação acerca do destino da personagem que subverte a parábola do pai, desvirtuando-a através do descobrimento do corpo – causou-me incômodo, forçando-me a indagar o sentido político por trás do tão sublime e, ao mesmo tempo, silenciador discurso do narrador, e a investigar a necessidade de tal ocultação para a conservação da legitimidade deste mundo hierárquico ordenado, urdido em torno da lei paterna. A ideia é argumentar em favor da hipótese, em primeiro lugar, da possibilidade hermenêutica da existência desse apagamento da expressão feminina e, em segundo lugar, de sua manutenção através do discurso em vias de garantir a permanência e a hegemonia da ordem patriarcal que rege não só a organização da esfera familiar da *Lavoura Arcaica*, mas a nossa própria estrutura social.